

A simbologia da viagem na *Divina Commedia*

The symbolism of the journey in the Divina Commedia

MARIA CECILIA CASINI

Docente de Literatura Italiana (USP)
casini@usp.br

Resumo: *A Divina Commedia*, de Dante Alighieri, figura entre as mais complexas construções simbólicas da literatura ocidental. Sua narrativa de viagem — conduzida pelo poeta através do Inferno, do Purgatório e do Paraíso — constitui, ao mesmo tempo, uma travessia teológica, ontológica e poética. Este artigo tem como tema a simbologia da viagem em Dante, analisando-a como percurso de revelação e de linguagem. A justificativa reside na permanência desta metáfora de deslocamento como uma das mais férteis do imaginário europeu, cuja leitura contemporânea continua a suscitar interpretações múltiplas sobre o exílio, a busca do sentido e o reencontro da palavra. O objetivo geral é compreender de que modo a viagem dantesca, articulada entre o corpo e o verbo, ressoa na contemporaneidade como imagem da condição humana em trânsito. A metodologia adota abordagem literário-histórica e hermenêutica, apoiada em análise de passagens da obra original (*La Divina Commedia*, ed. Sapegno, 1955) e em estudos recentes que recuperam o caráter geográfico e simbólico do itinerário (Scafà, 2023; Azzari, 2016; Papotti, 2011). O corpus compreende trechos dos três reinos visitados por Dante, com ênfase na abertura do Inferno (“Nel mezzo del cammin di nostra vita”), na travessia purgatorial e na ascensão final. O arcabouço teórico articula conceitos de viagem e revelação segundo Revelli (1922) e o método de leitura simbólica de Auerbach (2015). Os resultados apontam que, em sua reinterpretação contemporânea, a viagem de Dante deixa de ser apenas itinerário escatológico e se converte em figura de uma travessia interior, na qual o homem moderno reconhece a fragmentação do sentido e a necessidade de reencantamento do mundo pela linguagem.

Palavras-chave: travessia; simbolismo; exílio; poética; itinerário; hermenêutica.

Abstract: Dante Alighieri's *Divina Commedia* stands among the most complex symbolic constructions in Western literature. Its narrative of a journey—undertaken by the poet through Hell, Purgatory, and Paradise—constitutes at once a theological, ontological, and poetic crossing. This article examines the symbolism of the journey in Dante, analyzing it as a path of revelation and of language. The study is justified by the persistence of this metaphor of displacement as one of the most fertile in the European imagination, whose contemporary readings continue to evoke multiple interpretations concerning exile, the search for meaning, and the rediscovery of the word. The general objective is to understand how Dante's journey, articulated between body and word, resonates in the present as an image of the human condition in transit. The methodology adopts a literary-historical and hermeneutic approach, supported by the analysis of selected passages from the original work (*La Divina Commedia*, ed. Sapegno, 1955) and by recent studies that revisit the geographic and symbolic dimensions of the itinerary (Scafà, 2023; Azzari, 2016; Papotti, 2011). The corpus comprises excerpts from the three realms visited by Dante, with emphasis on the opening of *Inferno* (“Nel mezzo del cammin di nostra vita”), the purgatorial passage, and the final ascension. The theoretical framework articulates concepts of journey and revelation according to Revelli (1922) and Auerbach's (2015) method of symbolic reading. The results indicate that, in its contemporary reinterpretation, Dante's journey ceases to be merely an

eschatological itinerary and becomes a figure of inner passage, in which modern man recognizes the fragmentation of meaning and the need for the re-enchantment of the world through language.

Keywords: journey; symbolism; exile; poetics; itinerary; hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

A imagem da “selva obscura”, que abre o poema, funda um espaço simbólico onde o extravio torna-se condição para o reencontro. O caminhar de Dante não se confunde com o deslocamento físico, revelando o itinerário da consciência em busca de uma linguagem capaz de restituir sentido à experiência. Trata-se, portanto, de uma viagem que ultrapassa o plano da narrativa para atingir o da metáfora universal: a travessia do homem pelo labirinto do tempo e da linguagem.

A *Divina Commedia*, escrita por Dante Alighieri no início do século XIV, permanece como uma das obras mais densas e simbólicas do pensamento ocidental. Sua estrutura tripartida (Inferno, Purgatório e Paraíso) concerne a concepção de mundo de uma época em que o homem buscava no percurso espiritual a medida de si. A viagem empreendida por Dante, conduzido por Virgílio e Beatriz, constitui, ao mesmo tempo, uma travessia moral e poética. Ao longo dos séculos, essa imagem de deslocamento tem sido reinterpretada de múltiplas maneiras, revelando sua força como metáfora universal da condição humana.

O tema deste estudo é a simbologia da viagem na *Divina Commedia*, compreendida como representação do conhecimento e da linguagem. A escolha se justifica pela permanência dessa metáfora nas leituras contemporâneas da obra, que a reconhecem como uma narrativa sobre a experiência de exílio, de perda e de reconstrução do sentido. Em um tempo em que as fronteiras entre o real e o simbólico se tornam cada vez mais fluidas, revisitá-la significa também interrogar o lugar do homem moderno diante do enigma da existência.

A justificativa teórica deste trabalho apoia-se na necessidade de reaproximar a leitura do poema de suas dimensões simbólica e geográfica. Autores como Paolo Revelli (1922) e Lisa Scafa (2023) destacam que a viagem dantesca reflete a estrutura espiritual do cosmos medieval, além da realidade dos territórios percorridos e imaginados pelo poeta. A geografia da *Commedia*, com seus rios, montanhas e cidades, é simultaneamente concreta e alegórica. Na contemporaneidade, a leitura desse itinerário se expande: ele deixa de ser uma cartografia da salvação para se tornar mapa da experiência humana.

O problema de pesquisa que orienta este estudo pode ser formulado nos seguintes termos: de que modo a simbologia da viagem na *Divina Commedia*, concebida sob o horizonte teológico do século XIV, pode ser reinterpretada hoje como expressão da travessia existencial e linguística do sujeito contemporâneo? A questão central envolve compreender como o movimento descrito por Dante conserva validade como imagem filosófica da busca de sentido, mesmo após a secularização do imaginário ocidental.

A hipótese que sustenta a investigação propõe que, embora nascida como itinerário de redenção, a viagem dantesca se converte, para o leitor atual, em figura da

errância e da reinvenção da linguagem. A travessia de Dante não culmina apenas na visão do divino, mas na consciência de que o verbo é o verdadeiro espaço do encontro. A ascensão do poeta representa o percurso de transformação do homem que, ao nomear o mundo, reconfigura sua própria interioridade.

O objetivo geral é compreender a viagem da *Divina Commedia* como símbolo do conhecimento e da criação poética, articulando suas dimensões teológicas, literárias e antropológicas. Busca-se examinar como o itinerário de Dante, concebido em um contexto medieval, projeta-se sobre o imaginário moderno como paradigma de deslocamento e de revelação. Entre os objetivos específicos, destacam-se a análise do percurso dantesco enquanto estrutura simbólica, a correlação entre geografia real e espaço imaginário, e a identificação das leituras contemporâneas que transformam a viagem em figura da condição humana fragmentada.

A metodologia empregada é de natureza qualitativa e interpretativa, fundamentada na leitura exegética e comparativa do texto original italiano (*La Divina Commedia*, edição Sapegno, 1955) e em sua confrontação com estudos críticos modernos. Segue-se o método literário-histórico, privilegiando o diálogo entre o contexto da produção da obra e as suas ressignificações posteriores. O estudo adota, como eixo de análise, o princípio hermenêutico segundo o qual cada leitura da *Commedia* refaz o itinerário do poeta em busca de sentido. O arcabouço teórico inclui Revelli (1922) e Scafa (2023) como referências para a dimensão geográfica; Azzari (2016) e Papotti (2011) para a leitura simbólica do espaço; e Auerbach (2015) para a reflexão sobre a representação da realidade e da linguagem.

A partir dessa leitura, o artigo propõe que a *Divina Commedia* continue a falar ao presente como experiência viva de travessia. A viagem, em Dante, não se encerra no céu teológico: ela se prolonga na linguagem, no corpo e na memória dos que a percorrem pela leitura.

O artigo organiza-se em três movimentos: o primeiro investiga o sentido da viagem como estrutura de conhecimento; o segundo analisa a corporeidade da travessia e sua relação com o exílio e a purificação; o terceiro examina a leitura contemporânea da viagem como símbolo do deslocamento moderno e da busca de sentido na linguagem.

2 A VIAGEM COMO FORMA DE CONHECIMENTO

A viagem de Dante começa no reconhecimento do erro. O desvio da “diritta via” é o primeiro ato do aprendizado, pois o saber nasce da perda. Essa concepção, que liga o movimento do corpo ao da alma, confere à viagem um valor epistêmico. Revelli (1922) observa que a topografia da *Commedia* reflete o mapa moral do homem medieval: cada passo em direção à luz traduz a superação de uma forma de ignorância. A geografia do Inferno, com seus círculos descendentes, é não apenas espaço de punição, mas também espelho das graduações do conhecimento negativo: aquilo que o homem deve reconhecer para alcançar a verdade.

Em leitura contemporânea, Papotti (2011) identifica na estrutura da *Commedia* o nascimento de uma “cartografia interior”, em que o deslocamento físico corresponde ao itinerário da linguagem. A descida e a ascensão configuram, assim, dois polos de um mesmo gesto: descer ao abismo da palavra para, depois, reerguê-la. Esse processo de

interiorização da viagem aproxima Dante das reflexões modernas sobre o autoconhecimento. O “cammin di nostra vita” torna-se uma metáfora da finitude compartilhada, fruto de percurso individual de salvação, mas resultado de um emblema da comunidade humana em trânsito.

Na leitura de Azzari (2016), o poeta constrói um espaço literário que, embora ancorado em paisagens reconhecíveis, como o Bullicame de Viterbo ou a planície do Arno, transcende a geografia real e cria um território simbólico. Essa fusão entre o visível e o espiritual institui a viagem como método: conhecer é percorrer, e percorrer é traduzir a experiência em linguagem.

A viagem em Dante nasce da consciência do erro. O verso inaugural da *Divina Commedia* mostra o instante em que o poeta se reconhece afastado do caminho seguro e inicia um percurso de retorno ao sentido. Esse movimento funda a experiência do saber. O aprendizado não se apoia em revelações externas, mas na capacidade de observar a própria perda. A “selva oscura” é o território onde o homem encontra o limite da razão e percebe que o conhecimento exige travessia.

Revelli (1922) comprehende a disposição topográfica do poema como o reflexo de uma geografia moral. O Inferno, com seus círculos sucessivos, representa o aprofundamento do olhar sobre o desvio humano. Cada passo é uma forma de consciência que se abre. O caminho, antes de ser físico, é cognitivo: quem avança, comprehende. Essa leitura mostra que o deslocamento do corpo coincide com o deslocamento do espírito e que o saber se manifesta na capacidade de seguir adiante mesmo dentro da escuridão.

Papotti (2011) vê na *Commedia* o surgimento de uma “cartografia interior”. A viagem exterior e o itinerário linguístico pertencem à mesma dinâmica. O ato de narrar torna-se o meio pelo qual o poeta constrói o espaço e, ao mesmo tempo, o interpreta. A linguagem deixa de ser um simples registro para assumir papel de descoberta. Em cada canto, o mundo é recriado pela palavra, e o leitor acompanha esse processo de transformação.

A experiência de Dante é também um exercício de pensamento. O movimento descendente no *Inferno* e o movimento ascendente no *Purgatório* e no *Paraíso* descrevem o ciclo de aprofundamento e clarificação do espírito. A geografia do poema funciona como método: cada região corresponde a uma etapa da compreensão. A descida torna visível o peso do erro; a subida expressa o esforço da mente em direção à medida e à lucidez.

Azzari (2016) observa que o poeta organiza os espaços da *Commedia* a partir de referências concretas, mas cada paisagem ultrapassa o valor descriptivo. O mundo visível se torna linguagem simbólica. O território percorrido é, ao mesmo tempo, cenário e figura de uma ordem espiritual. Ao representar o espaço, Dante interpreta a própria experiência humana. A travessia transforma o erro em compreensão e o deslocamento em forma de consciência. Em Dante, conhecer significa percorrer.

2.1 A TOPOGRAFIA SIMBÓLICA DA DIVINA COMMEDIA

A construção topográfica da *Divina Commedia* constitui um dos eixos mais rigorosos e inventivos da literatura europeia. Dante não imagina o espaço como um

cenário para o enredo, mas como estrutura de pensamento. Cada nível, cada círculo e cada planície representam uma forma de organização do mundo moral e cognitivo. A geografia dantesca é ao mesmo tempo concreta e alegórica, e o leitor é conduzido a compreender que o espaço é linguagem, e que a viagem é a leitura dessa linguagem.

Revelli (1922) descreve a topografia do poema como um “sistema moral do espaço”. No Inferno, o terreno se estreita progressivamente, formando uma espiral descendente que conduz ao centro da Terra. Essa forma sugere o movimento de compressão da alma diante do erro. A estrutura circular reforça a ideia de repetição e de aprisionamento: o pecado reduz a liberdade e torna o espaço cada vez mais denso. O movimento descendente é, portanto, a imagem da perda da amplitude espiritual.

No Purgatório, o relevo muda. A montanha que se ergue sobre a ilha representa o esforço da ascensão e da depuração. A subida é lenta, marcada por pausas, e cada cornija da montanha corresponde a um estágio do aprendizado moral. Sapegno (1955) entende esse percurso como um itinerário pedagógico, em que a geografia se converte em disciplina. O espaço não castiga, orienta. A montanha não impõe o medo, mas o exercício da medida.

O Paraíso inverte a lógica do espaço terrestre. O movimento vertical cede lugar à expansão luminosa. O espaço se abre em círculos concêntricos de luz, onde o limite já não é obstáculo, mas forma de contemplação. A geografia celeste é a representação da harmonia entre ordem e liberdade. A ascensão torna-se interior, e a topografia perde o peso material. A passagem da terra ao éter marca o deslocamento do conhecimento sensível para o conhecimento espiritual.

Lisa Scafà (2023), ao analisar a correspondência entre lugares reais e simbólicos da *Commedia*, mostra que Dante estrutura seu mapa do além a partir da experiência física de viagem pela Itália medieval. O Bullicame, próximo a Viterbo, as margens do Arno e as colinas toscanas funcionam como ancoragens sensíveis para a construção de um território imaginário. A topografia dantesca nasce de uma geografia vivida e é transformada em arquétipo espiritual. O espaço terrestre e o espaço metafísico coexistem como camadas de uma mesma memória.

Azzari (2016) amplia essa leitura ao propor que a *Commedia* cria um modelo de percepção geográfica que antecipa a modernidade. O mapa do além não descreve um mundo distante, mas traduz o modo humano de habitar o real. O Inferno, o Purgatório e o Paraíso formam uma sequência de paisagens interiores, dispostas segundo uma coerência geométrica que reflete a ordem do cosmos e da linguagem. A estrutura espacial, rigorosa e matemática, expressa o desejo de unificação entre razão e imaginação.

A topografia de Dante é, assim, uma forma de pensamento espacial. A descida, a subida e a ascensão não constituem apenas direções físicas, mas modos de consciência. O espaço deixa de ser o fundo da ação e se transforma em agente da narrativa. O viajante aprende porque o terreno o educa. Cada relevo impõe uma maneira de ver e de compreender. O espaço instrui o olhar e converte o deslocamento em forma de saber.

O mapa da *Divina Commedia* permanece vivo porque não descreve um território fixo, mas uma disposição da mente diante do mistério. O leitor, ao acompanhar a viagem, percorre também os espaços da própria interioridade. O Inferno, a montanha e

o céu configuram uma geografia do ser. O conhecimento que emerge dessa travessia é o de que todo espaço, quando compreendido, transforma-se em linguagem.

3 CORPO, EXÍLIO E PURIFICAÇÃO

A simbologia da viagem em Dante não se restringe ao movimento da alma, pois envolve a materialidade do corpo em travessia. O *Inferno* é o espaço da descida, da densidade e do peso; o *Purgatório*, o espaço da subida e do exercício; o *Paraíso*, o do alívio e da transparência. O corpo, em sua transformação, torna-se metáfora do verbo que se depura até a luz. Sapegno (1955) comprehende o Purgatório como o reino da esperança, onde a viagem deixa de ser castigo e se torna gesto de purificação. O esforço de subir a montanha é o esforço de reencontrar a justa medida entre o humano e o divino.

Lisa Scafà (2023), ao investigar os lugares da *Commedia* na Toscana, revela que Dante se apropria de paisagens reais como figuras da experiência interior. O Bullicame, fonte de águas ferventes, converte-se em imagem do sangue purificador. O itinerário pelo território viterbese é, assim, tradução simbólica do itinerário moral: o espaço terrestre espelha a jornada espiritual. Essa correspondência demonstra que, mesmo em sua dimensão teológica, a viagem dantesca é também experiência concreta, uma geografia da alma inscrita no corpo do mundo.

Na leitura contemporânea, o exílio adquire centralidade. O poeta escreve distante de Florença, separado de sua cidade e de sua língua originária. Esse desterro físico converte-se em condição metafísica: o viajante é aquele que não possui lugar. A viagem, nesse contexto, é a tentativa de fundar um espaço pela palavra. Ao escrever, Dante reconstrói a pátria perdida, e é na criação poética que encontra abrigo. Assim, o itinerário que o conduz ao Paraíso é também o caminho de retorno à linguagem como morada.

A jornada dantesca se constrói sobre o corpo em movimento. O poema não descreve apenas a travessia da alma, mas o esforço físico de caminhar, subir, suportar o cansaço e o espanto. O corpo participa da experiência espiritual como instrumento e testemunha. O cansaço, o suor e o peso tornam-se marcas visíveis da passagem do homem pelo mundo. Em cada círculo do *Inferno* e em cada degrau do *Purgatório*, a matéria humana é confrontada com a própria limitação. Essa presença do corpo confere ao poema uma densidade concreta, que aproxima o leitor da dimensão real da travessia.

O *Inferno* é o espaço onde o corpo pesa. O calor, a lama e o gelo expressam as formas do sofrimento e da fixação. A descida é uma experiência de gravidade, um confronto com a imobilidade do erro. A matéria aprisiona e revela o desajuste do espírito. No *Purgatório*, o corpo adquire outra função. O movimento vertical, que exige esforço contínuo, simboliza a transformação do desejo em vontade e da dor em disciplina. A subida é um exercício do corpo que aprende a seguir o ritmo da alma. Sapegno (1955) interpreta essa parte da viagem como o ponto de equilíbrio entre o humano e o divino, em que a carne deixa de ser obstáculo e se converte em meio. O corpo que sofre torna-se corpo que comprehende.

O *Paraíso* modifica a percepção da matéria. A leveza e a luminosidade indicam o corpo que se espiritualiza, sem desaparecer. Dante não abandona o corpo, mas o eleva. O olhar, o som e o movimento continuam a existir, transformados pela claridade. A

linguagem do poeta tenta traduzir essa transfiguração e, ao fazê-lo, mostra o limite do verbo diante do indizível. O corpo, na *Commedia*, é também metáfora da palavra: ambos carregam o peso do mundo e aspiram à pureza.

Lisa Scafa (2023) evidencia que o enraizamento geográfico do poema reforça a corporeidade da experiência espiritual. A menção a rios, fontes e planícies não é simples recurso descriptivo. Cada elemento natural funciona como símbolo do corpo da Terra, que participa da redenção. O Bullicame, com sua água fervente, representa a purificação pela matéria, e o fogo que consome também purifica. Essa topografia física reflete o processo interior da alma: a natureza é espelho do corpo humano em seu percurso de metamorfose.

O exílio de Dante intensifica esse vínculo entre corpo e palavra. O poeta escreve longe da cidade que o formou, afastado do espaço que lhe dava identidade e voz. A perda de Florença significa a perda do corpo político e linguístico da pátria. O deslocamento geográfico torna-se deslocamento existencial. O corpo do viajante se inscreve no território do desterro, onde o chão é provisório e a memória substitui o abrigo. A escrita nasce dessa privação. Ao narrar, Dante recompõe um mundo que lhe foi negado e converte a ausência em morada simbólica.

O desterro, nesse sentido, é não apenas condição biográfica, mas também categoria metafísica. O homem, enquanto ser em trânsito, habita a distância entre o lugar e o desejo. O poeta reconhece essa condição e a transforma em linguagem. A viagem, então, torna-se um modo de pertencer. Ao percorrer os espaços do além, Dante refaz o vínculo com o próprio corpo e com a pátria espiritual que havia perdido. A *Commedia* é, nesse aspecto, o relato de um retorno pela palavra.

A purificação que a viagem propõe não se limita ao perdão teológico. Ela implica a reconciliação entre corpo, tempo e linguagem. Cada movimento, cada gesto, cada canto é um ato de reconhecimento. O corpo purificado é aquele que comprehende a medida de sua fragilidade e se torna transparente à experiência. No fim do percurso, Dante reencontra a harmonia entre o sensível e o inteligível, não por negação da carne, mas por sua integração à ordem do verbo.

A dimensão corporal da *Divina Commedia* revela a consciência de que a transcendência não se alcança fora do mundo, mas através dele. O corpo é a ponte que liga o visível ao invisível, e a viagem, o exercício dessa passagem. O exílio exterior e a purificação interior convergem no mesmo gesto: atravessar o peso da matéria para reencontrar a leveza da palavra. Assim, a travessia dantesca é uma experiência de recomposição. O homem em movimento reencontra, em sua própria limitação, a forma do sagrado.

3.1 O EXÍLIO COMO ORIGEM DA LINGUAGEM

O exílio de Dante não se limita à condição política que o afastou de Florença. Trata-se de um acontecimento espiritual que transforma o modo de dizer o mundo. O poeta privado de pátria reencontra na palavra o lugar possível da permanência. A *Divina Commedia* nasce dessa distância: um poema escrito por alguém que já não pertence a nenhum território, mas que funda, na linguagem, uma morada nova. O exílio, portanto, é não apenas circunstância biográfica, mas também princípio criador.

A perda da cidade é a perda da língua em seu uso cotidiano. A palavra que antes se ancorava no convívio e na oralidade precisa ser recriada como instrumento de sobrevivência. O italiano de Dante, formado a partir do toscano, assume o papel de língua de fundação, uma língua que não imita, mas cria o próprio campo de pertencimento. A experiência de desterro converte-se, assim, em gesto inaugural da literatura italiana. A língua literária surge no exato ponto em que o poeta é privado da língua viva da cidade.

Essa passagem da perda à criação aproxima Dante de uma dimensão universal da experiência humana: o homem que escreve é, em essência, o ser que procura um lugar por meio das palavras. O exilado torna-se o intérprete de todos os deslocamentos, aquele que traduz a ausência em forma. O verbo substitui a casa, e o ritmo da poesia restitui o sentido de continuidade. Em Dante, a viagem pelo além é também a tentativa de refazer o vínculo entre o homem e o mundo através da linguagem.

Lisa Scafà (2023) observa que o percurso geográfico da *Commedia* reflete o itinerário do exilado em busca de recomposição. O movimento entre as regiões infernais e celestes coincide com o desejo de reencontrar o centro perdido. Essa busca se realiza no plano da linguagem. Cada canto é um gesto de reconstrução, um tijolo simbólico na arquitetura de uma pátria verbal. O poema substitui a cidade ausente e, ao mesmo tempo, a transcende.

A literatura contemporânea reconhece nessa condição de exílio um elemento constitutivo da criação. Poetas e filósofos modernos identificam na distância e na perda o espaço onde o pensamento encontra sua voz. A palavra surge no momento em que o homem se encontra separado do mundo e busca restabelecer o contato por meio do discurso. A solidão de Dante, projetada no percurso do além, converte-se na metáfora da própria linguagem humana, sempre situada entre o silêncio e o desejo de nomear.

O exílio, portanto, é o ponto de partida da viagem e o seu destino. Ao longo da *Commedia*, o poeta move-se em direção a um lugar que nunca será totalmente reencontrado, mas que se torna visível através da escrita. A criação literária cumpre a função de reconciliar o homem com o tempo e com a perda. A palavra cria o espaço que o corpo já não habita. Em cada verso, Dante reconstitui a comunhão interrompida entre o humano e o divino, e faz da linguagem a pátria possível do exilado.

A purificação que o poema propõe não ocorre fora dessa experiência de deslocamento. O viajante não alcança a luz sem atravessar o abandono. A ascensão espiritual é, ao mesmo tempo, a reconstrução do pertencimento pela palavra. O corpo que anda e a voz que nomeia seguem o mesmo impulso: transformar o desamparo em forma. A viagem dantesca, vista sob essa perspectiva, é o testemunho de que o exílio pode ser origem, e que a perda do mundo abre espaço para a criação de outro.

4 A VIAGEM E O LEITOR CONTEMPORÂNEO

A *Commedia* renasce a cada leitura. Se no século XIV o poema era um espelho da ordem divina, hoje ele se lê como cartografia do humano. A simbologia da viagem desloca-se da teologia para a antropologia. O homem contemporâneo, imerso em deslocamentos constantes, reconhece em Dante a figura de um viajante da interioridade.

A travessia pelos reinos da morte antecipa a experiência moderna da fragmentação, da perda e da busca por sentido.

Auerbach (2015) vê na linguagem dantesca o ponto culminante da representação realista medieval, na qual o corpo e o espírito se unem numa forma total. Essa unidade, que, no tempo do poeta visava a redenção, transforma-se para o leitor atual em metáfora de reconciliação entre sujeito e mundo. A viagem torna-se, portanto, uma pedagogia da linguagem: aprender a nomear o invisível, percorrendo-o.

A leitura geográfico-literária de Scafà (2023) amplia essa perspectiva ao propor que a *Commedia* delineia um mapa que ultrapassa o tempo. Os espaços percorridos por Dante convertem-se em itinerário da memória cultural italiana. Assim, o poema funda uma geografia simbólica que ainda hoje estrutura a identidade europeia. O viajante dantesco, entre o exílio e a revelação, prefigura o homem globalizado que busca no deslocamento o sentido de pertencimento.

No diálogo com a contemporaneidade, a viagem dantesca deixa de ser apenas narrativa da salvação para tornar-se figura do inacabamento. O fim da travessia, a visão de Deus, inaugura a condição da linguagem. O poeta, ao alcançar o “amor che move il sole e l’altre stelle”, reconhece que a viagem não termina: converte-se em verbo. É nesse ponto que o leitor moderno reencontra Dante, como memória viva da travessia humana.

Além disso, a viagem de Dante se revela como metáfora da experiência estética. O percurso pelo *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* permite ao leitor contemporâneo experimentar uma pedagogia do olhar: aprender a perceber gradientes de sofrimento, arrependimento e transcendência, refletindo sobre a complexidade do humano. Essa dimensão estética coloca o poema como laboratório de empatia: o leitor atravessa os territórios da alma alheia, apreendendo as nuances do desejo, do medo e da esperança.

O caráter itinerante da *Commedia* também dialoga com a modernidade da migração, das fronteiras fluidas e da mobilidade cultural. A travessia de Dante inspira reflexões sobre deslocamentos não apenas físicos, mas também éticos e existenciais. Cada encontro, com figuras históricas, mitológicas ou simbólicas, transforma-se em ponto de interrogação sobre escolhas e responsabilidades. A viagem deixa de ser linear e torna-se dialógica: o leitor contemporâneo é convidado a revisar, questionar e reinterpretar caminhos, encontrando nas figuras dantescas ecos de dilemas atuais.

Por fim, a dimensão temporal da *Commedia* contribui para a percepção de que a viagem é sempre recomeço. Dante apresenta o tempo como um território maleável, em que passado, presente e futuro coexistem em tensões que desafiam a cronologia. Para o leitor moderno, a experiência da travessia revela que a existência é composta por ciclos de perda e descoberta, e que a leitura, assim como o movimento do poeta pelo cosmos, é um exercício contínuo de atualização do olhar sobre si e sobre o mundo. A *Commedia*, nesse sentido, permanece viva porque se inscreve na pulsão do deslocamento humano: a viagem é interminável, e o significado é sempre reconstruído a cada passo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A simbologia da viagem na *Divina Commedia* articula, de modo singular, o movimento físico e o espiritual, o espaço histórico e o mítico, o corpo e a palavra. O percurso de Dante revela-se, à luz das leituras contemporâneas, uma metáfora do

próprio ato de interpretar: viajar é ler, e ler é transformar-se. O itinerário infernal, purgatorial e paradisíaco reflete não apenas a estrutura moral do mundo medieval, mas também a dinâmica universal da busca humana por sentido, uma experiência que transcende temporalidades e culturas.

A hipótese inicial (de que a viagem dantesca se converte em figura da condição moderna) confirma-se na medida em que a obra ultrapassa seus limites históricos. As leituras recentes, como a de Scafa (2023) e a de Papotti (2011), evidenciam a atualidade da *Commedia* como cartografia simbólica que vincula o espaço real e o imaginário, o concreto e o metafísico. O percurso do poeta, antes concebido como caminho de salvação, transforma-se agora em exercício de linguagem, em que a palavra atua como mediadora da experiência fragmentada do mundo, permitindo ao leitor contemporâneo reconstruir significados e explorar dimensões existenciais.

A viagem, em Dante, não se encerra no *Paraíso*. Ela continua no leitor que, ao percorrer o poema, refaz em si o trajeto entre o desconhecimento e a visão. Cada leitura torna-se uma travessia singular, na qual o passado se encontra com o presente e a memória cultural dialoga com as inquietações contemporâneas. A *Divina Commedia* permanece, assim, como uma das mais duradouras metáforas da existência humana: atravessar o escuro para nomear a luz, enfrentar a fragmentação para alcançar compreensão, e descobrir que a jornada do conhecimento é sempre contínua e transformadora.

Além disso, a obra evidencia que a viagem é também uma prática ética e estética. O movimento pelos reinos da morte e da redenção convoca o leitor a refletir sobre escolhas, responsabilidades e possibilidades de ação no mundo, estimulando empatia e imaginação crítica. O poema, nesse sentido, ressoa como laboratório da experiência humana: aprender a percorrer territórios desconhecidos, nomear o invisível e integrar diferentes dimensões da vida, da memória e da cultura.

Por fim, a *Commedia* consolida-se como obra aberta, cuja força reside na capacidade de renovação. O itinerário dantesco inspira a compreensão de que toda viagem (literal ou simbólica) é inacabada, e que a própria leitura é forma de mobilidade: desloca, transforma e reconfigura o sujeito diante do mundo. Dante, mais do que poeta, torna-se guia atemporal, lembrando que atravessar o escuro, o erro e a dúvida é condição indispensável para chegar à percepção da luz, do sentido e da própria humanidade.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **La Divina Commedia**. A cura di Natalino Sapegno. Firenze: La Nuova Italia, 1955.

AUERBACH, E. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

AZZARI, M. **Geografie dantesche: il paesaggio tra simbolo e realtà**. Firenze: Le Lettere, 2016.

AZZARI, M. **Dante fra storie, immagini e paesaggi**. Firenze: Sagas, 2020

FONCK, R.; BONACCORSI, G.; BATTISTI, G. **Progetto di riqualificazione dell'area del Bullicame di Viterbo**. Viterbo: Università della Tuscia, 2014.

PAPOTTI, D. **Luoghi e letteratura**: il paesaggio nella geografia culturale contemporanea. Torino: UTET, 2011.

PAPOTTI, D. Luoghi, territori e paesaggi del teatro: per un approccio geografico al rapporto fra azione teatrale e dimensione spaziale. **Ricerche Senza Confine**, Torino, 2013.

REVELLI, P. **L'Italia nella Divina Commedia**. Milano: Hoepli, 1922.

SCAFA, L. **Viaggio letterario nella Tuscia della Divina Commedia**. Docugeo, v. 2023, n. 1, p. 235–243, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.19246/DOCUGEO2281-7549/202301_16.

SAPEGNO, N. **Commento alla Divina Commedia di Dante Alighieri**. Firenze: La Nuova Italia, 1955.

SAPEGNO, N. **Come nasce la «Commedia»**, Yale: FNS, 16 de outubro de 1965.